

## Reunião nº 6 – Ano Litúrgico 2021/2022 Plano de Reunião – Formação de Leitores 27.01.2022

### Refletindo sobre o ANO LITÚRGICO, os tempos fortes do Espírito na vida de Jesus de Nazaré e o sentido do tempo litúrgico designado por Tempo Comum

A maneira como nós, os cristãos, vamos celebrando cada ano de louvor comunitário, cada novo ano litúrgico, e, este de 2021/2022 em particular, deve ser sempre vista como uma forma adulta de caminhada da nossa comunidade eclesial, caminhada essa a ser gerada, também, pelo Espírito.

Para melhor percebermos isso, há aqui andamentos muito próprios

E esses andamentos começam na narrativa do ser e do estar do próprio Jesus de Nazaré. É por isso que faz todo o sentido que a narrativa do Batismo nos seja contada logo depois do tempo de Natal e na ligação para a parte I do Tempo Comum (que vai até à Quaresma). É um novo tempo de relevação gerado pelo Espírito. Ao longo de cada Ano Litúrgico não celebramos nada mais senão a Páscoa. A passagem da morte à Vida. O momento em que o Pai suscita de novo a Vida do seu Filho, Jesus Cristo. Re (Suscita-O). É uma celebração contínua da passagem da morte à Vida e esta nova Vida agora plena, eterna. O Tempo Comum é, pois, a celebração da Páscoa “tornada comum”. Aperceber-nos-emos disso ao longo desta reflexão e, se estivermos atentos, pelas catequeses contidas na Liturgia da Palavra do Tempo Comum. E, assim, deve ser entendido, sempre, o tempo litúrgico que conhecemos por Tempo Comum.

No Natal celebramos a encarnação do Verbo, Alguém que nasce por geração do Espírito, porque o Espírito de Deus assim o quis e encontrou acolhimento em Maria.

No início da sua missão pública, quando tinha cerca de 30 anos, Jesus de Nazaré rezou (celebrou) o seu batismo no Jordão, junto de João como nos diz Lucas. É mais uma geração do Espírito. Aqui já é Ele (Jesus de Nazaré) que dá o passo. Já não é Maria que está a fazer essa experiência de acolhimento pleno das Palavras sopradas pelo Espírito no seu coração. Agora é o próprio Jesus de Nazaré que se “mete na fila” para ser batizado. E faz-se o último da fila. Depois de entrar em oração (dizem-nos os textos bíblicos: “estando em oração”), há esta teofania, o “experimentar” da “*ruah*” em linguagem hebraica ou da “*pneuma*” em grego.

**Nota 1** *A palavra grega  $\pi\epsilon\upsilon\mu\alpha$ , significa «sopro, vento, ar», «sopro divino, espírito» e «Espírito Santo». Foi adaptada ao português como *pneuma*, substantivo masculino que ocorre como termo especializado da filosofia. A palavra hebraica *ruah* tem também significado semelhante a *pneuma* («hábito, ar») e é usada em português também como apelido entre indivíduos da comunidade judaica ou com ela relacionados’*

**Nota 2** *O “vento”, na Bíblia, é muito mais do que um símbolo ou uma forma de ilustrar o Espírito Santo, porque para os antigos, o vento era sinal de vida ativa, sinal da presença misteriosa de Deus, era a Vida do próprio Deus inculida no homem, aquilo que lhes dá dinamismo “*dynamis*” que quer dizer força, capacidade, movimento.*

Há, claramente, no batismo de Jesus, um tempo antes do Espírito e o tempo depois do Espírito. Acontece uma geração do Espírito, como já havia acontecido no quadro da encarnação.

Daqui, Jesus de Nazaré vai para o deserto numa luta sem quartel contra todos os separadores – os *diábolos* (em grego) os Satan (em hebraico) – aqueles que o querem desviar do projeto do Pai e que querem interromper a sua missão. Tudo vence, não sem muita luta. Começa a sua missão, o “desembrulhar” do projeto do Pai, alicerçado num programa sem desvios, de construção do Reino de Deus.

Lá mais à frente, vai-nos ser contada mais uma geração do Espírito. É o Espírito que gera a ressurreição. É o Espírito do Pai que o Re (Suscita), derrota a morte e celebra a nova Vida do Filho. Como diz Pedro nos Atos dos Apóstolos e Paulo nas suas Cartas: “o Espírito levantou-O da morte para a Vida plena”. O Espírito Suscitou-O de novo.

Depois, passam 50 dias (o dia seguinte aos 7 dias x 7 semanas – e aqui a matemática não é relevante, antes a simbólica), celebramos o Pentecostes. E aí vai ser-nos contada mais uma geração do Espírito. Acontece o nascimento de uma nova comunidade que abandona o medo e a resistência e “se lança”, afoitamente, em missão, difundindo a boa notícia do Reino de Deus. O Paráclito está com eles.

Vemos, pois, 4 momentos da vida de Jesus de Nazaré gerado pelo Espírito:

- a) a serem contados em forma de natividade na sua encarnação;
- b) a serem contados em forma de batismo, emersão messiânica;
- c) a serem contados em forma de ressurreição;
- d) e, finalmente, Jesus de Nazaré gerado pelo e gerando o Espírito, derramando-o em forma de comunidade pentecostal como nos dizem os Atos dos Apóstolos. E é por isso que nós, os batizados, somos chamados de comunidade batismal. Entra-se nesta comunidade pelo percurso do Batismo, do mergulho não só na água, mas também no Espírito, para deixar a vida velha e emergir para a Vida Nova. E é também por isso que o livro dos Atos dos Apóstolos é um livro inacabado. Continua a ser escrito. Esta comunidade batismal, de neófitos, de recém-nascidos, de nascidos de novo, continua a ser acompanhada pelo Espírito hoje e amanhã e somos nós, seus discípulos com todos os defeitos e falhas humanas, que vamos continuando a escrever esse livro como atos dos apóstolos, dos discípulos, dos seguidores do Mestre. Que alegria, mas também que responsabilidade!

A maior parte de nós não fez esta experiência do batismo de forma muito consciente e daí não termos percebido bem o seu valor. Eramos crianças. Entramos cedo demais na Vida Nova. Não tínhamos entendimento para tal. É como quando recebemos um presente e não “temos unhas” para lidar com ele. Recebemos esta Vida Nova e, só bastante mais tarde, entendemos o seu significado. E, aí, ficamos felizes e gratos pelo presente. Todavia, para muitos, quando vão a “desembrulhar” o presente (o sentido e o significado do batismo), já nada lhes diz e arrumam-no ou atiram-no fora mesmo sem o desembrulhar totalmente.

No NT aparecem-nos estes 4 tempos *Kairos* (não *cronos* – tempo cronológico) do Espírito. E, sempre, estes tempos aparecem (acontecem) num quadro de oração.

Na **encarnação** o anúncio a Maria está nas páginas da escritura. Maria e José como que “têm rede” para captar o que as Escrituras dizem. Estão, sempre, atentos aos sinais das profecias. Maria tinha as portas e as janelas abertas aos que falavam de Deus e em nome de Deus. O anjo “não voa” até Maria. O anjo sai das páginas da Escritura em forma de Palavra de Deus. O anúncio está referido nas páginas da Escritura. Maria perscruta a oração que vai sendo rezada no seu coração;

No **batismo** de Jesus damos-nos conta de um novo momento de oração. Quando Ele entra em oração aparece o simbólico de uma pomba. Aqui já não temos, diretamente, uma referência ao livro, à Escritura, mas temos essa referência de forma indireta e a partir da simbólica hebraica. No mundo hebraico antigo a pomba tinha 2 grandes significados. Um remete-nos para o princípio do mundo novo. Aparece no tempo de Noé quando a pomba mostra a esperança do aparecimento de nova terra. O segundo significado, prende-se com a libertação do exílio no Egito. É uma atualização da Torah (Palavra revelada). Quando Moisés desce do Sinai com as duas tábuas da Lei, duas folhas, já não são duas tábuas de pedra, mas duas asas de pomba que anunciam o tempo novo, o mundo novo. Agora, no batismo de Jesus, de novo a pomba, com as duas asas anunciadoras de um tempo novo que chega. O Espírito que desce para inspiração desse tempo realmente novo;

Ainda, gerado pelo Espírito na **Paixão**, conta-nos o evangelista João, no capítulo 17, que Jesus reza. É um momento de profunda oração. Vale a pena deixar aqui o texto completo para reflexão:

### Jo 17, 1-26

<sup>1</sup>Assim falou Jesus. Depois, levantando os olhos ao céu, exclamou: «Pai, chegou a hora! Manifesta a glória do teu Filho, de modo que o Filho manifeste a tua glória, <sup>2</sup>segundo o poder que lhe deste sobre toda a Humanidade, a fim de que dê a vida eterna a todos os que lhe entregaste. <sup>3</sup>Esta é a vida eterna: que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem Tu enviaste. <sup>4</sup>Eu manifestei a tua glória na Terra, levando a cabo a obra que me deste a realizar. <sup>5</sup>E agora Tu, ó Pai, manifesta a minha glória junto de ti, aquela glória que Eu tinha junto de ti, antes de o mundo existir. <sup>6</sup>Dei-te a conhecer aos homens que, do meio do mundo, me deste. Eles eram teus e Tu mos entregaste e têm guardado a tua palavra. <sup>7</sup>Agora ficaram a saber que tudo quanto me deste vem de ti, <sup>8</sup>pois as palavras que me transmitiste Eu lhas tenho transmitido. Eles receberam-nas e reconheceram verdadeiramente que Eu vim de ti, e creram que Tu me enviaste. <sup>9</sup>É por eles que Eu rogo. Não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me confiaste, porque são teus. <sup>10</sup>Tudo o que é meu é teu e o que é teu é meu; e neles se manifesta a minha glória. <sup>11</sup>Doravante já não estou no mundo, mas eles estão no mundo, e Eu vou para ti. Pai santo, Tu que a mim te deste, guarda-os em ti, para serem um só, como Nós somos! <sup>12</sup>Enquanto estava com eles, Eu guardava-os em ti, em ti que a mim te deste. Guardei-os e nenhum deles se perdeu, a não ser o homem da perdição, cumprindo-se desse modo a Escritura. <sup>13</sup>Mas agora vou para ti e, ainda no mundo, digo isto para que eles tenham em si a plenitude da minha alegria. <sup>14</sup>Entreguei-lhes a tua palavra, e o mundo odiou-os, porque eles não são do mundo, como também Eu não sou do mundo. <sup>15</sup>Não te peço que os retires do mundo, mas que os livres do Maligno. <sup>16</sup>De facto, eles não são do mundo, como também Eu não sou do mundo. <sup>17</sup>Faz que eles sejam teus inteiramente, por meio da Verdade; a Verdade é a tua palavra. <sup>18</sup>Assim como Tu me enviaste ao mundo, também Eu os enviei ao mundo, <sup>19</sup>e por eles totalmente me entrego, para que também eles fiquem a ser teus inteiramente, por meio da Verdade. <sup>20</sup>Não rogo só por eles, mas também por aqueles que hão-de crer em mim, por meio da sua palavra, <sup>21</sup>para que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em ti; para que assim eles estejam em Nós e o mundo creia que Tu me enviaste. <sup>22</sup>Eu dei-lhes a glória que Tu me deste, de modo que sejam um, como Nós somos Um. <sup>23</sup>Eu neles e Tu em mim, para que eles cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que Tu me enviaste e que os amaste a eles como a mim. <sup>24</sup>Pai, quero que onde Eu estiver estejam também comigo aqueles que Tu me confiaste, para que contemplem a minha glória, a glória que me deste, por me teres amado antes da criação do mundo. <sup>25</sup>Pai justo, o mundo não te

*conheceu, mas Eu conheci-te e estes reconheceram que Tu me enviaste. 26'Eu dei-lhes a conhecer quem Tu és e continuarei a dar-te a conhecer, a fim de que o amor que me tiveste esteja neles e Eu esteja neles também.»*

Em Marcos, Mateus e Lucas encontramos Jesus, quando chega o momento da morte, a rezar Salmos. Os Salmos 22 *“Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste”* e 30 *“Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”*

No **Pentecostes** se diz que estavam todos reunidos, no mesmo lugar, em oração. Não deixa de ser curioso que o Espírito gera Vida e em abundância, quando o ambiente é propício, quando é tempo de grandes revelações.

É nestes quadros de oração e de vinda do Espírito que a celebração da Páscoa no ano litúrgico é “tornada comum”. Aquilo que designamos por Tempo Comum. Significado de adesão pascal contínua. Sempre gerada em união ao Pai, ao Filho e ao Espírito de ambos, na construção do Reino de Deus aqui e agora, para ser ainda mais bem saboreado no banquete eterno.

**(Texto livre construído a partir de homilia do Padre Rui Santiago, cssr, no I Domingo do Tempo Comum de 2022. Toda a responsabilidade deste texto é, obviamente, do coordenador da equipa de leitores de Vilar de Andorinho)**



DOMINGO DA PALAVRA DE DEUS

**SANTA MISSA  
HOMILIA DO PAPA FRANCISCO**

Basílica de São Pedro  
**III Domingo do Tempo Comum, 23 de janeiro de 2022**

Encontramos, na primeira Leitura e no Evangelho, dois gestos paralelos: o sacerdote Esdras coloca em lugar elevado o livro da lei de Deus, abre-o e proclama-o diante de todo o povo; Jesus, na sinagoga de Nazaré, abre o rolo da Sagrada Escritura e, na frente de todos, lê uma passagem do profeta Isaías. Estas duas cenas comunicam-nos uma realidade fundamental: no centro da vida do povo santo de Deus e do caminho da fé, não estamos nós com as nossas palavras; no centro, está Deus com a sua Palavra.

Tudo teve início pela Palavra que Deus nos dirigiu. Em Cristo, sua Palavra eterna, o Pai «escolheu-nos antes da fundação do mundo» (*Ef 1, 4*). Com a sua Palavra, criou o universo: «Ele ordenou e tudo foi criado» (*Sal 33, 9*). Desde os tempos antigos, falou-nos por meio dos profetas (cf. *Heb 1, 1*); por fim, na plenitude do tempo (cf. *Gal 4, 4*), enviou-nos a sua própria Palavra, o Filho unigénito. Por isso no Evangelho, terminada a leitura de Isaías, Jesus anuncia uma coisa inaudita: «Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura» (*Lc 4, 21*). Cumpriu-se: a Palavra de Deus já não é uma promessa, mas realizou-se. Em Jesus, fez-Se carne. Por obra do Espírito Santo, veio habitar no meio de nós e quer habitar em nós, para satisfazer os nossos anseios e curar as nossas feridas.

Irmãs e irmãos, tenhamos os olhos fixos em Jesus, como as pessoas na sinagoga de Nazaré (cf. *Lc 4, 20*) – fixavam-no, era um deles: Que fenómeno! Que fará este de quem tanto se fala? – e acolhamos a sua Palavra. Meditemos hoje em dois aspetos interligados da mesma: a *Palavra desvenda Deus e a Palavra leva-nos ao homem*. Está no centro: desvenda Deus e leva-nos ao homem.

Antes de mais nada, *a Palavra desvenda Deus*. Jesus, no início da sua missão, ao comentar aquela passagem particular do profeta Isaías, anuncia claramente uma opção: veio para libertar os pobres e os oprimidos (cf. 4, 18). Assim nos desvenda, precisamente através das Escrituras, o rosto de Deus como o d'Aquele que cuida da nossa pobreza e tem a peito o nosso destino. Não é patrão enrocado nos céus – uma imagem perversa de Deus! Ele não é assim -, mas o Pai que acompanha os nossos passos. Não é observador frio, distante e impassível, um Deus «matemático». É o Deus-connosco que Se apaixona pela nossa vida e empenha-Se nela a ponto de chorar as nossas lágrimas. Não é deus neutral e indiferente, mas o Espírito amante do homem, que nos defende, aconselha, toma posição a nosso favor, entra em campo e compromete-Se com a nossa dor. Nesta, sempre está presente. Eis «a Boa-Nova» (4, 18), que Jesus proclama diante do olhar atónito dos presentes: Deus está perto e quer cuidar de mim, de ti, de todos. Esta é o traço distintivo de Deus: a proximidade. Assim se define a Si próprio, quando diz ao povo no Deuterónimo: «Qual povo tem os seus deuses tão próximos de si, como Eu estou próximo de ti?» (cf. Dt 4, 7). O Deus próximo com uma proximidade compassiva e terna, quer aliviar-te dos pesos que te esmagam, quer aquecer o frio dos teus invernos, quer iluminar os teus dias sombrios, quer sustentar os teus passos incertos. E fá-lo através da sua Palavra, com a qual te fala para reacender a esperança por entre as cinzas dos teus medos, para te fazer reencontrar a alegria nos labirintos das tuas tristezas, para encher de esperança a amargura das solidões. Faz-te andar, mas não num labirinto; faz-te andar no caminho, para O encontrares dia a dia cada vez mais.

Irmãos, irmãs, perguntemo-nos: trazemos no coração esta imagem libertadora de Deus, o Deus próximo, o Deus compassivo, o Deus terno? Ou imaginamo-Lo como um juiz rigoroso, um rígido guarda alfandegário da nossa vida? A nossa é uma fé que gera esperança e alegria, ou – pergunto-me... – dentro de nós há ainda uma fé acabrunhada pelo medo, uma fé medrosa? Qual é o rosto de Deus que anunciamos na Igreja: o Salvador que liberta e cura, ou o Deus Temível que esmaga avivando os sentimentos de culpa? Para nos convertermos ao verdadeiro Deus, Jesus indica-nos por onde começar: pela Palavra. Esta, ao narrar a história do amor de Deus por nós, liberta-nos dos medos e preconceitos sobre Ele, que apagam a alegria da fé. A Palavra derruba os ídolos falsos, desmascara as nossas fantasias, destrói as representações demasiado humanas de Deus e traz-nos de volta ao seu rosto verdadeiro, à sua misericórdia. A Palavra de Deus alimenta e renova a fé: voltemos a colocá-la no centro da oração e da vida espiritual! No centro, a Palavra que nos revela como é Deus. A Palavra que nos aproxima de Deus.

E agora o segundo aspeto: *a Palavra leva-nos ao homem*. Leva-nos a Deus e leva-nos ao homem. Na verdade, quando descobrimos que Deus é amor compassivo, vencemos a tentação de nos fecharmos numa sacra religiosidade, que se reduz a um culto exterior, que não toca nem transforma a vida. Uma tal religiosidade é idolatria, idolatria sumida, idolatria rebuscada, mas é idolatria. A Palavra impele-nos a sair de nós mesmos caminhando ao encontro dos irmãos, animados unicamente com a força serena do amor libertador de Deus. É precisamente isto que nos revela Jesus, na sinagoga de Nazaré: Ele é enviado para ir ao encontro dos pobres (que somos todos nós!) e libertá-los. Não veio para entregar um elenco de normas nem para officiar nalguma cerimónia religiosa, mas desceu às estradas do mundo para encontrar a humanidade ferida, acariciar os rostos macerados pelo sofrimento, curar os corações dilacerados, libertar-nos das correntes que nos agrilhoam a alma. Revela-nos assim qual é o culto mais agradável a Deus: cuidar do próximo. E desculpai se insisto nisto. Há momentos em que sobrevêm na Igreja as tentações da rigidez, que é uma perversão, e se pensa encontrar Deus tornando-se mais rígidos, com mais normas, acertando as coisas, pondo as coisas claras... Mas não é assim! Quando virmos propostas de rigidez, pensemos imediatamente: isto é um ídolo, não é Deus. O nosso Deus não é assim.

Irmãos e irmãs, a Palavra de Deus transforma-nos – a rigidez não nos transforma, dissimula – a Palavra de Deus transforma-nos penetrando na alma como uma espada (cf. Heb 4, 12). Com

feito, se por um lado consola, desvendando-nos o rosto de Deus, por outro provoca e sobressalta-nos, fazendo-nos cientes das nossas contradições. Põe-nos em crise. Não nos deixa tranquilos, se o preço a pagar por esta tranquilidade é um mundo dilacerado pela injustiça e pela fome e quem paga o preço são sempre os mais frágeis. Sempre pagam os mais frágeis. A Palavra põe em crise as nossas justificações que sempre fazem depender, aquilo que corre mal, duma coisa diferente e dos outros. Quanta amargura sentimos ao ver os nossos irmãos e irmãs morrerem no mar, porque não os deixam desembarcar! E isto é feito por alguns em nome de Deus. A Palavra de Deus convida-nos a sair às claras, a não nos escondermos atrás da complexidade dos problemas, atrás do «não há nada a fazer» – «é um problema deles», «o problema é seu» – ou «que posso fazer eu?», «Deixemo-los para lá!» Exorta-nos a agir, a unir o culto a Deus e o cuidado do homem. Porque a Sagrada Escritura não foi dada para nos entreter, para nos mimar numa espiritualidade angélica, mas para sair ao encontro dos outros e debruçar-nos sobre as suas feridas. Falei da rigidez, deste pelagianismo moderno, como uma das tentações da Igreja. E esta – a de procurar uma espiritualidade angélica – de algum modo é a outra tentação de hoje: os movimentos espirituais gnósticos, o gnosticismo, propondo-te uma Palavra de Deus que te coloca «em órbita» e não te faz tocar a realidade. A Palavra que Se fez carne (cf. *Jo* 1, 14), quer tornar-Se carne em nós. Não nos aliena da vida; mas mergulha-nos nela, nas situações do dia a dia, na auscultação dos sofrimentos dos irmãos, do clamor dos pobres, das violências e injustiças que ferem a sociedade e a terra, a fim de sermos, não cristãos indiferentes, mas diligentes, cristãos criativos, cristãos proféticos.

«Cumpriu-se *hoje* – diz Jesus – esta passagem da Escritura» (*Lc* 4, 21). A Palavra quer tornar-Se carne hoje, no tempo que vivemos, não num futuro ideal. Uma mística francesa do século passado, que escolheu viver o Evangelho nas periferias, escreveu que a Palavra do Senhor não é «letra morta»: é espírito e vida. (...) A acústica exigida de nós para bem ressoar a Palavra do Senhor é o nosso “hoje”: as circunstâncias da nossa vida quotidiana e as necessidades do nosso próximo» (M. Delbrêl, *A alegria de acreditar*, Milão 1994, 258). Perguntemo-nos então: queremos imitar Jesus, tornando-nos ministros de libertação e consolação para os outros, realizar a Palavra? Somos uma Igreja dócil à Palavra? Uma Igreja propensa a ouvir os outros, empenhada em estender a mão para aliviar os irmãos e as irmãs daquilo que os oprime, para desfazer os nós dos medos, libertar os mais frágeis das prisões da pobreza, do cansaço interior e da tristeza que apaga a vida? É isto que nós queremos?

Nesta celebração, são *instituídos leitores e catequistas* alguns dos nossos irmãos e irmãs. São chamados à importante tarefa de servir o Evangelho de Jesus, anunciá-lo para que a sua consolação, a sua alegria e a sua libertação cheguem a todos. Esta é também a missão de cada um de nós: ser arautos credíveis, profetas da Palavra no mundo. Por isso apaixonemo-nos pela Sagrada Escritura, deixemo-nos interpelar profundamente pela Palavra, que desvende a novidade de Deus e leva-nos a amar incansavelmente os outros. Voltemos a colocar a Palavra de Deus no centro da pastoral e da vida da Igreja! Assim seremos libertos tanto de qualquer pelagianismo rígido, de qualquer rigidez, como da ilusão duma espiritualidade que nos coloca «em órbita» sem cuidar dos irmãos e irmãs. Voltemos a colocar a Palavra de Deus no centro da pastoral e da vida da Igreja. Ouçamo-la, rezemo-la, ponhamo-la em prática.

## ANGELUS – 23.01.2022 – Vaticano – Papa Francisco



*Cidade do Vaticano, 23 jan 2022 (Ecclesia)*

O Papa criticou hoje homilias “abstratas”, que “adormecem a alma”, pedindo uma maior atenção à realidade concreta.

“Às vezes, acontece que as nossas pregações e ensinamentos permanecem genéricos, abstratos, não tocam a alma e a vida das pessoas. Porquê? Porque não têm a força deste hoje que Jesus preenche de significado com o poder do Espírito”, referiu, após a recitação do ângelus.

Falando a respeito da celebração do Domingo da Palavra, que a Igreja Católica assinala hoje em todo o mundo, Francisco falou de “palestras impecáveis, discursos bem construídos, mas que não comovem o coração e, assim, tudo fica como antes”.

“A pregação corre este risco: sem a unção do Espírito, empobrece-se a Palavra de Deus, cai-se em moralismos e conceitos abstratos, apresenta-se o Evangelho com distância, como se estivesse fora do tempo, distante da realidade”, advertiu.

Perante milhares de peregrinos reunidos na Praça de São Pedro, o Papa falou do início da pregação de Jesus, em Nazaré, onde cresceu, e da primeira palavra que proferiu, “hoje”.

“Os concidadãos de Jesus ficam impressionados com sua palavra. Mesmo que, obscurecidos por preconceitos, não acreditem nele, percebem que o seu ensino é diferente do de outros mestres: intuem que há mais em Jesus”, observou, falando da “unção do Espírito Santo”.

“Uma palavra em que não há pulsar a força de hoje não é digna de Jesus e não ajuda a vida das pessoas. Por isso, quem prega, por favor, é o primeiro a ter de experimentar o hoje de Jesus, para poder comunicá-lo no hoje dos outros”, acrescentou.

O Papa agradeceu depois a “todos os pregadores e arautos do Evangelho que permanecem fiéis à Palavra que sacode o coração”.

A intervenção deixou um desafio particular aos católicos: “Nos domingos deste ano litúrgico é proclamado o Evangelho de Lucas, o Evangelho da misericórdia. Por que não lê-lo pessoalmente, todo, uma pequena passagem a cada dia?”.

Francisco renovou o seu conselho de ter no bolso ou na mala uma cópia dos Evangelhos, para os ler regularmente.

“A Palavra de Deus é também o farol que orienta o caminho sinodal lançado em toda a Igreja. Enquanto nos esforçamos para ouvir uns aos outros, com atenção e discernimento, – porque não é um inquérito de opinião, não – ouçamos juntos a Palavra de Deus e o Espírito Santo”, prosseguiu.

Após a oração, Francisco recordou a proclamação de Santo Irineu (séc. II-III) como doutor da Igreja, com o título de 'Doctor unitatis', "doutor da unidade", colocando esta decisão no contexto da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos.

"Que, por sua intercessão, o Senhor nos permita trabalhar, todos juntos, pela plena unidade dos cristãos", concluíram.

## **Lembrança de datas entre reuniões – 27.01.2022 a 17.02.2022**

### **I - Festa da Candelária/Luz – 02 fevereiro – 40 dias depois do Natal Apresentação do Senhor – Celebração na Matriz às 19h00**

Esta festa já era celebrada em Jerusalém, no século IV. Chamava-se festa do encontro, *hypapántè*, em grego. Em 534, a festa estendeu-se a Constantinopla e, no tempo do Papa Sérgio, chegou a Roma e ao Ocidente. Em Roma, a festa incluía uma procissão até à Basílica de S. Maria Maior. No século X, começaram a benzer-se as velas.

José e Maria levam o Menino Jesus ao templo, oferecendo-o ao Pai. Como toda a oferta implica renúncia, a Apresentação do Senhor é já o começo do mistério do sofrimento redentor de Jesus, que atingirá o seu ponto culminante no Calvário. Maria e José unem-se à oferta do seu divino Filho estando a seu lado e colaborando, cada um a seu modo, na obra da Redenção.

#### **Meditação**

Os pais de Jesus, de acordo com a lei mosaica, 40 dias depois do nascimento do primeiro filho, foram ao Templo de Jerusalém para oferecer o primogénito ao Senhor e para a mãe ser purificada. Mas este rito não foi exatamente igual aos outros. Nos ritos comuns, eram os pais que apresentavam os filhos a Deus em sinal de oferta e de pertença; neste rito é Deus que apresenta o seu Filho aos homens. Fá-lo pela boca do velho Simeão e da profetisa Ana. Simeão apresenta-O ao mundo como salvação para todos os povos, como luz que iluminará as gentes, mas também como sinal de contradição; como Aquele que revelará os pensamentos dos corações.

O encontro de Jesus com Simeão e Ana no Templo de Jerusalém é símbolo de uma realidade maior e universal: *a Humanidade encontra o seu Senhor na Igreja*. Malaquias preanunciava este encontro: «*Eis que Eu vou enviar o meu mensageiro, a fim de que ele prepare o caminho à minha frente. E imediatamente entrará no seu santuário o Senhor, que vós procurais*». No Templo, Simeão reconheceu Jesus como o Messias esperado e proclamou-o salvador e luz do mundo. Compreendeu que, doravante, o destino de cada homem se decidia pela atitude assumida perante Ele; Jesus será ruína ou salvação. Como dirá João Baptista: Ele tem na mão a joieira para separar o trigo bom da palha (cf. Mt 3, 12).

É o que acontece, a outra escala, também hoje: no novo templo de Deus que é a Igreja, os homens «encontram» Cristo, aprendem a conhecê-lo, recebem-no na Eucaristia, como Simeão o recebeu nos braços; a sua palavra torna-se, aí, para eles, luz e o seu corpo força e alimento. É a experiência que fazemos, sempre que vamos à missa. A comunhão é um verdadeiro encontro entre Deus e nós. Hoje, essa experiência é acentuada pelo simbolismo da festa: a procissão com que entramos na igreja com o sacerdote, levando a vela acesa e cantando, era, sinal deste ir ao encontro de Jesus que nos chama no interior da sua igreja, na esperança de irmos ao seu encontro um dia no *Hypapante* eterno, quando formos nós a ser apresentados por Ele ao Pai.

A Candelária é festa de luz. A luz da fé não nos foi dada apenas para iluminar o nosso caminho, desinteressando-nos dos outros... A luz da fé também não é para ter acesa apenas na igreja, ou em certos momentos, mas em todos os momentos e situações da nossa vida... A nossa fé há de ser luz que ilumina, fogo que aquece... É luz e fogo quem é compreensivo e bom com todos... quem sabe apoiar os pequenos esforços... os pequenos progressos... quem tem palavras de amizade, de estímulo, de apoio... quem sabe dizer uma boa palavra, dar uma ajuda... O amor cristão tem a sua origem em Deus que nos amou e nos enviou o seu Filho com quem nos encontramos em vários momentos da nossa vida, particularmente quando celebramos a Eucaristia. Esse é o nosso encontro, enquanto esperamos o encontro definitivo no Céu.

### **II - Sínodo 2021/2023 na Paróquia de Vilar Andorinho**

Sessão 4 – Tema do Sínodo: Comunhão-Participação-Missão  
Igreja da Sagrada Família – dia 05.02.2022 – sábado – 21h30

### III – Dia Mundial do Doente

Celebração na Matriz – 11.02.2022 -19h00

Tema 2022:

“Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso” Lc 6,36.  
Colocar-se ao lado de quem sofre num caminho de caridade”

### V DOMINGO DO TEMPO COMUM

#### LEITURA I – Is 6,1-2a.3-8

Estamos em Jerusalém, por volta de 740/739 a.C.. Isaías tem, então, à volta de vinte anos. Enquanto está no Templo em oração, descobre que Deus o chama a ser profeta. O texto de hoje relata-nos essa descoberta e a resposta de Isaías. No entanto, este relato não deve ser visto como uma reportagem jornalística de acontecimentos, mas sim como uma apresentação teológica de uma experiência interior de vocação. Os pormenores folclóricos – o trono alto e sublime em que o Senhor Se senta, o seu manto que enche o Templo, os “serafins” com seis asas que voam sem cessar à volta e que cobrem a face e os pés, o oscilar das portas nos seus gonzos, o fumo – são elementos simbólicos com que o profeta desenha a grandeza, a onipotência e a magnificência de Deus. É essa a perspetiva que o profeta tem do Deus que o chamou.

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura do Livro de Isaías ///
Lê-se Ó-ZIAS	No ano em que morreu Ozias, / rei de Judá, / vi o Senhor, sentado num trono alto e sublime; / a fimbria do seu manto enchia o templo. //
Preparar bem a aclamação.	À sua volta estavam serafins de pé, / que tinham seis asas cada um / e clamavam alternadamente, dizendo: //
Mudar o tom no itálico. Mais do que medo, é de admiração, de espanto.	«Santo, santo, / santo é o Senhor do Universo. / A sua glória enche toda a terra!» //
	Com estes brados as portas oscilavam nos seus gonzos / e o templo enchia-se de fumo. //
	Então exclamei: //
	«Ai de mim, que estou perdido, / porque sou um homem de lábios impuros, / moro no meio de um povo de lábios impuros / e os meus olhos viram o Rei, Senhor do Universo». //
	Um dos serafins voou ao meu encontro, / tendo na mão um carvão ardente que tirara do altar com uma tenaz. //
	Tocou-me com ele na boca e disse-me: //
	«Isto tocou os teus lábios: /

Fazer bem as questões.	desapareceu o teu pecado, foi perdoada a tua culpa». //
Todo o texto nos traz até aqui. Ler com convicção o negrito.	Ouvi então a voz do Senhor, que dizia: // « <i>Quem enviarei?</i> / <i>Quem irá por nós?</i> » //
	Eu respondi: // « <b>Eis-me aqui:</b> / <b>podeis enviar-me.</b> ///
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	<b>Palavra do Senhor</b>

## LEITURA II – 1 Cor 15,1-11

A chegada do cristianismo ao mundo grego provocou um choque de mentalidades e de perspectivas culturais. Isso ficou bem evidente na dificuldade dos coríntios em aceitar a ressurreição dos mortos. A ressurreição dos mortos era relativamente bem aceite no judaísmo, habituado a ver o homem na sua unidade; mas constituía um problema sério para a mentalidade grega. Porquê? Porque a cultura grega, fortemente influenciada por filosofias dualistas (como a filosofia de Platão, por esta altura na moda) que viam no corpo uma realidade negativa e na alma uma realidade ideal e nobre, recusava-se a aceitar a ressurreição do homem integral. Como poderia o corpo – essa realidade material, carnal, sensual, que aprisionava a alma e a impedia de subir ao mundo ideal, na opinião dos filósofos gregos – seguir a alma?

É a esta questão posta pelos Coríntios que Paulo vai responder neste texto.

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura da Primeira Epístola do Apóstolo São Paulo aos Coríntios ///
Ler exortativamente <b>irmãos</b> .	Recordo-vos, <b>irmãos</b> , / o Evangelho que vos anunciei e que recebestes, / no qual permanecéis e pelo qual sereis salvos, / se o conservais como eu vo-lo anunciei; // <u>aliás teríeis abraçado a fê em vão.</u> ///
Valorizar a <u>frase</u> .	<b>Transmiti-vos em primeiro lugar o que eu mesmo recebi:</b> //
O <b>negrito</b> e o que se segue (Cristo morreu... <u>Em último lugar</u> ...) é o núcleo central do texto. Deve ser valorizado, bem lido. É a síntese da nossa fé! Ler os <i>itálicos</i> em tom diferente.	Cristo morreu pelos nossos pecados, <i>segundo as Escrituras</i> ; // foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, <i>segundo as Escrituras</i> , / e apareceu a Pedro e depois aos Doze. //
Os <u>sublinhados</u> indicam o seguimento da evangelização. Devem ser tidos em conta na leitura, para que se perceba essa evolução.	Em <u>seguida</u> apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, / dos quais a maior parte ainda vive, / enquanto alguns já faleceram. //
	<u>Posteriormente</u> apareceu a Tiago e depois a todos os Apóstolos. //
	<u>Em último lugar</u> , apareceu-me também a mim, / como o abortivo. //

O *itálico* em tom diferente.  
Valorizar o **negrito**.

O *itálico* lido em tom diferente.  
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.

Porque eu sou o menor dos Apóstolos /  
e não sou digno de ser chamado Apóstolo, /  
por ter perseguido a Igreja de Deus. //  
Mas pela graça de Deus sou aquilo que sou /  
e a graça que Ele me deu não foi inútil. //  
*Pelo contrário*, tenho trabalhado mais que todos eles, /  
**não eu, mas a graça de Deus, que está comigo.** //  
*Por conseguinte*, tanto eu como eles, /  
é assim que pregamos; //  
e foi assim que vós acreditastes. ///

**Palavra do Senhor**

## VI DOMINGO DO TEMPO COMUM

### LEITURA I – Jer 17, 5-8

Os versículos que formam esta leitura fazem parte de um bloco de frases de Jeremias (cf. Jer 17, 5-13), apresentadas ao estilo das máximas sapienciais. Aí o profeta, recorrendo a antíteses, vai desenvolvendo o tema da confiança/esperança.

Estas palavras de Jeremias não nos dão elementos suficientes para as situarmos, inequivocamente, num contexto histórico. No entanto, é possível que o profeta as tenha pronunciado no reinado de Joaquim (609-597 a.C.): é uma época em que o rei desenvolve uma política aventureirística de alianças com potências estrangeiras e confia a segurança da nação, não a Jahwéh, mas aos exércitos egípcios, aliados de Joaquim. O profeta ataca essa política, considerando-a um grave sintoma de infidelidade ao Deus da aliança: Judá já não coloca a sua confiança e esperança em Deus, mas sim nos homens.

<p>Depois da assembleia estar tranquila e de se ter criado um ambiente de silêncio e escuta, o leitor dá a informação da origem do texto.</p>	<p>Leitura do Livro de Jeremias ///</p>
<p>É essencial fazer notar as duas partes contrastantes do texto ("Maldito..." / "Bendito...").</p> <p>Esta 1ª parte deve ser lida com aspereza e desolação. O tom de voz é pesado, dorido.</p> <p>Todo o texto é desenvolvimento poético da frase salientada.</p> <p>É poesia que descreve a desgraça e amargura do homem que confia em si mesmo.</p> <p>Aridez, desolação, infertilidade são ideias-chave desta 1ª parte.</p> <p>O tom altera-se completamente nesta 2ª parte do texto.</p> <p>Passamos de maldição para bênção.</p> <p>Suavize-se a voz: transmita-se confiança e ternura.</p> <p>Leia-se com docilidade</p> <p>Vida, frescura, fertilidade são ideias-chave desta 2ª parte. (estiagem = seca)</p>	<p>Eis o que diz o Senhor: ///</p> <p>«<b>Maldito quem confia no homem</b> / e põe na carne toda a sua esperança, / afastando o seu coração do Senhor. //</p> <p>Será como o cardo na estepe / que nem percebe quando chega a felicidade: //</p> <p>habitará na <u>aridez do deserto</u>, / <u>terra salobre</u>, onde <u>ninguém habita</u>. ///</p> <p><b>Bendito quem confia no Senhor</b> / e põe <u>no Senhor</u> a sua esperança. //</p> <p>É como a árvore plantada à beira da água, / que estende as suas raízes para a corrente: //</p> <p><u>nada tem a temer</u> quando vem o calor / e a sua folhagem mantém-se <u>sempre verde</u>; //</p> <p>em ano de estiagem <u>não se inquieta</u> / e <u>não deixa de produzir os seus frutos</u>». ///</p>
<p>Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia e convidando-a a responder.</p>	<p><b>Palavra do Senhor.</b></p>

## LEITURA II – 1 Cor 15, 12.16-20

Este texto é a continuação da catequese sobre a ressurreição que Paulo apresenta na Primeira Carta aos Coríntios e que já começámos a ler no passado domingo. Depois de ter afirmado a ressurreição de Cristo (cf. 1 Cor 15, 1-11), Paulo afirma a realidade da nossa própria ressurreição. É preciso recordar, neste contexto, aquilo que dissemos na passada semana: a ressurreição dos mortos, em geral, constituía um sério problema para a mentalidade grega, habituada a ver no corpo uma realidade negativa, que aprisionava a alma no mundo material; sendo assim, o corpo – realidade carnal, sensual – não podia seguir a alma nessa busca da vida plena, da vida divina. Havendo no homem uma realidade negativa, que não podia ascender à vida plena, como admitir a ressurreição do homem integral?

É a esta questão que Paulo vai continuar a responder na leitura que nos é proposta.

<p>Depois estar garantida a atenção da assembleia, o leitor dá a informação da origem do texto.</p>	<p>Leitura da Primeira Epístola do apóstolo São Paulo aos Coríntios ///</p>
<p>Trata-se de um texto argumentativo; apesar de breve é denso. Leia-se, por isso, devagar, dando tempo para o ouvinte assimilar e acompanhar o raciocínio.</p> <p>Prepare-se a interrogação desde o começo da frase: a força está no "porque" A pergunta é uma interpelação: deixe-se ressoar Inicia-se o raciocínio: leia devagar e não deixe cair a voz no fim de cada frase, como se terminasse o texto.</p> <p>O tom vai crescendo É um texto de reação à incredulidade. S. Paulo está <b>indignado</b> e argumenta <b>fervorosamente</b>. Demonstra-se o absurdo da dúvida da ressurreição: "é vã a nossa fé" e "somos os mais miseráveis de todos os homens".</p> <p>Aqui dá-se a rutura. Com firmeza</p> <p>Afirmção fundamental do texto: fundamento da nossa esperança e horizonte da verdadeira felicidade.</p>	<p>Irmãos: //</p> <p>Se pregamos que Cristo ressuscitou dos mortos, // <u>porque dizem alguns no meio de vós que não há ressurreição dos mortos? ///</u></p> <p>Se os mortos não ressuscitam, / também Cristo não ressuscitou. //</p> <p>E se Cristo não ressuscitou, / <u>é vã a nossa fé,</u> / ainda estais nos vossos pecados; // e assim, os que morreram em Cristo pereceram também. //</p> <p>Se é só para a vida presente que temos posta em Cristo a nossa esperança, / <u>somos os mais miseráveis de todos os homens.</u> //</p> <p><b>Mas não.</b> //</p> <p><b>Cristo ressuscitou dos mortos,</b> / como primícias dos que morreram. ///</p>
<p>Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.</p>	<p><b>Palavra do Senhor</b></p>